ANAIS

IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

A FÉ DE RIOBALDO

Viviane de Sousa Rocha (UFJF-PG) [1]

Resumo: Este trabalho quer fazer emergir aspectos da fé de Riobaldo, ou seja, como a fé aparece nesse personagem tão peculiar, tão ambíguo, paradoxal, um ser tão ímpar? A questão surgiu a partir da leitura do livro de João Guimarães Rosa e da leitura de Paul Tillich (1985) na Especialização. O livro de Tillich, *Dinâmica da Fé* (1985) será referência teórica, utilizado para refletir e estudar a fé. Assim, a partir dessa leitura, busca-se identificar a fé do personagem Riobaldo. O objetivo geral é investigar um recorte do livro, isso é, o personagem Riobaldo e sua fé, na narrativa de Grande Sertão: Veredas. Os objetivos específicos consistem em analisar a partir da definição de fé elaborada por Paul Tillich (1985), aspectos religiosos e relações com o sagrado e o transcendente presentes na fé do místico e filósofo Riobaldo. A metodologia será a pesquisa bibliográfica. Por meio de revisão de literatura, busca-se aprofundar a leitura da obra, a partir de alguns autores e pesquisadores, tais como Antonio Candido, Walnice Galvão e Manoel Cavalcanti de Proença. Serão abordadas as questões relativas à fé do sertanejo. A questão que nos moveu durante a pesquisa consiste na existência da fé em meio à dúvida. O trabalho resultou na continuação dos estudos no mestrado tendo como referencial teórico Paul Tillich e dois contos de Rosa como objeto de pesquisa.

Palavras-Chaves: Fé. Riobaldo. Tillich.

INTRODUÇÃO

O Tema escolhido para este trabalho é a fé de Riobaldo, personagem protagonista e narrador de *Grande Sertão: Veredas* a partir da definição de fé de Paul Tillich. O trabalho busca compreender aspectos da fé do personagem de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*: o sertanejo e jagunço Riobaldo. Tentaremos definir como a fé aparece nesse personagem tão peculiar, tão ambíguo, ímpar, diferente e esquisito. A questão surgiu a partir da leitura do livro de João Guimarães Rosa, na disciplina de *Mística Comparada*, do curso de Especialização em Ciência da Religião. Além disso, fomos influenciados por aspectos da vida interior, contemplação, fé, mística, filosofia, teologia, transcendência e metafísica, abordados por Paul Tillich em *Dinâmica da Fé* (1985), cujo livro estava presente na bibliografia da

1 Professora da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora, mestranda em Ciências da Religião (2021). Pós-graduada em Ciência da Religião (2020). Pós-Graduada em Língua Portuguesa (2003) e Estudos Literários (2001) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Letras (1999) Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail de contato: visrocha1977@gmail.com

disciplina de *Filosofia e Teologia*.

O tema que nos propomos investigar é a fé do personagem Riobaldo. O livro *Dinâmica da Fé*, de Paul Tillich (1985), será referência teórica para a leitura do livro de Guimarães Rosa. A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica. Por meio de revisão de literatura, buscaremos aprofundar a leitura da obra, utilizando como referência teórica alguns autores, pesquisadores e comentadores, tais como Antônio Candido, Walnice Galvão, Manoel Cavalcanti de Proença etc.

Apresentaremos um resumo de *Dinâmica da Fé(1985)* e cotejaremos ao final brevemente, com o livro *Grande: Sertão Veredas*.

A primeira leitura da obra icônica de Guimarães Rosa foi feita há mais de 20 anos, durante a graduação em Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora. Na época, foram observadas as questões centrais acerca da linguagem e da presença de antíteses, neologismos e onomatopeias na obra do autor.

Segundo Antônio Magalhães (2009), as palavras correspondem à força da experiência, à precisão, ao alcance da nomeação e à coragem de escrever sobre o mistério de nossas vidas. Assim, é possível afirmar que a beleza da revelação está presente tanto nos textos fundantes da fé e das religiões quanto em diversa obras literárias. Naquela época, não fui capaz de perceber os espaços transcendentes assinalados por Manoel Cavalcanti de Proença (1958), que poderiam levar à análise do místico Riobaldo, possuidor de características que permitem que seja classificado como poeta, filósofo, místico, sertanejo, contemplador da natureza e professor, tal como foi chamado por Zé Bebelo, após ter compartilhado com este seus ensinamentos na fazenda. Walnice Nogueira, em seu texto *Riobaldo, homem das metamorfoses (*2001), define Riobaldo como um espírito contemplativo, inquisidor, reflexivo e atento aos mistérios do mundo…

Vinte anos depois, a obra de Guimarães Rosa foi relida na disciplina *Mística Comparada*, durante uma pandemia de Covid-19. Esta pode ser comparada à epidemia de varíola presente no livro *Grande Sertão: Veredas*. Assim, outros aspectos da obra foram emergindo: em especial, o tema da fé de Riobaldo. Recorte que abordaremos.

Pretendemos refletir sobre a fé, a metafísica, a mística, a contemplação e a vida interior, presentes na construção do personagem Riobaldo, abordando a questão do bem e do mal, da dúvida e do amor, assim como de Deus e do Diabo.

De acordo com Tillich (1985), a "fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente". A leitura dessa obra descortinou, assim, um cenário próprio para o tema da fé, para a análise da "ambiguidade metafísica", tal como descrita por Antônio Candido, e também a importância do espaço, do Rio São Francisco e a observação da vida sertaneja, em suas rezas, contação de casos na roda da fogueira, cultos à Nossa Senhora (em especial, à Nossa Senhora da Abadia) e paixão pela coisa e pelo nome, conforme apontada nos estudos de Ana Maria Machado (2003). Através da obra de Guimarães Rosa, é possível adentrar na psicologia do rústico, em que tudo se transforma em significado universal graças à invenção (Antônio Candido, 2002) .

Em *Grande Sertão: Veredas*, há a seguinte frase: "Deus é paciência" (GUIMARÃES ROSA, 1994). Também na Bíblia, Deus também é chamado de paciente e amoroso, tal como afirmado em I Coríntios 13, 4 ("A caridade é paciente") e em I João 4, 8 ("Deus é Amor"). Com paciência, caminhamos nas veredas desse sertão e adentramos na vida de Riobaldo, que nos leva ao encontro da nossa própria vida. Das Gerais, com coragem: "o gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniães... O sertão está em toda a parte. [...] Deus é alegria e coragem – que Ele é bondade […]" (Idem). O sertão é o mundo.

A questão que nos moveu nessa pesquisa consiste em determinar se existe fé em meio à dúvida. Pois Riobaldo vive entre Deus e o Diabo e o livro deixa sempre questões em suspenso. Mais do que respostas, traz muitas perguntas: "o amor? Pássaro que põe ovos de ferro" (Idem). O amor é presença importante em meio à guerra e ao ódio.

O objetivo geral é investigar um recorte do livro: o personagem Riobaldo e sua fé. Os objetivos específicos consistem em analisar, a partir da definição de fé de Paul Tillich (1985), aspectos religiosos e relações com o sagrado e o transcendente na fé do místico, filósofo e professor Riobaldo, personagem sempre atento ao mundo e seus mistérios e em dois contos do

mesmo autor.

O trabalho será organizado em uma introdução breve e desenvolvimento das ideias relacionadas à fé do personagem e aos aspectos religiosos encontrados na obra. Além disso, serão apresentadas definições breves de conceitos e estabelecidas relações com filósofos e pesquisadores contemporâneos. Não faremos, do livro de Rosa, um resumo linear, do início ao fim. Destacamos, no entanto, apenas os aspectos que apresentaram recortes importantes para este estudo. Apresentaremos, já no início, um resumo de Dinâmica da Fé(1985) no desenvolvimento e ao final a relação com o Sagrado cotejando com o conto de Maria Mutema dentro da narrativa maior de *Grande Sertão: Veredas* como uma provocação a questões futuras. Finalmente, na conclusão, observa-se como possível ou não confirmar a hipótese de Riobaldo ser um sertanejo e jagunço de fé, mesmo em meio a tantas dúvidas, paradoxos e ambiguidades.

2. DESENVOLVIMENTO

O trabalho será desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica. Utilizaremos, como fundamentação teórica para pesquisar a fé de Riobaldo, o livro de Paul Tillich, *Dinâmica da Fé* (1985) apresentaremos inicialmente um breve resumo do livro. A partir dos conceitos abordados no livro, analisaremos brevemente a fé do personagem Riobaldo, o narrador protagonista do romance de Guimarães Rosa, e outros personagens de *Grande sertão: Veredas*, publicado em 1956. Como um monstro, ele emergiu intempestivamente na discreta, ordeira e suficientemente autocentrada vida cultural brasileira, então em plena euforia político desenvolvimentista (SANTIAGO, 2018).

Dinâmica da Fé, breve resumo.

Iniciaremos o resumo do livro de Paul Tillich, *Dinâmica da fé (*1985), de maneira geral. Posteriormente, focalizaremos naquilo que traz de mais importante para a definição e explanação de seu tema: a fé e sua dinâmica com a vida humana. O livro de autoria de Paul Tillich (1985) aborda, em poucas páginas e em uma linguagem aparentemente fácil, o tema apontado no título. O livro encontra-se dividido em seis capítulos e várias subseções, tornando-

se cada vez mais complexo à medida que o autor relaciona o tema da fé com outros aspectos da vida humana. Seu objetivo é discursar sobre a fé, definindo-a e, tal como retratado no título, explanando sua dinâmica. Não abordaremos cada capítulo separadamente, mas abordaremos o tema de modo geral. Ao final, analisaremos o que a fé não é e suas distorções, além de sua relação com a razão e o amor.

Já nas primeiras páginas, o livro apresenta a definição de fé como algo que parece fácil de se entender: fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente. E o livro explica e retoma várias vezes essa definição. Da mesma forma que temos preocupações com alimento e moradia, o homem também tem preocupações espirituais, isto é, estéticas, sociais, políticas e cognitivas (TILLICH, 1985, p.5).

A fé que se manifesta na religião do Antigo Testamento também tem o caráter incondicional na exigência. Para o homem do Antigo Testamento, a fé é o estar possuído última e incondicionalmente por Javé e por tudo aquilo que ele representa através de seus mandamentos, ameaças e promessas. Aquilo que interessa incondicionalmente não é a nação, o que preocupa incondicionalmente é o Deus.

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força" (Dt 6, 5). Nisto está expresso o que quer dizer preocupação última.

Outro exemplo trazido pelo autor consiste na maneira em que sucesso na vida, "status" social e ascensão econômica podem se transformar, na sociedade contemporânea, em uma preocupação incondicional. Este é o "deus" de muitas pessoas no mundo ocidental, dominado pelo espírito de concorrência. O autor aborda a vida atual e a relação do homem com os bens materiais, o sucesso financeiro e a busca pelo sucesso e o status social como uma preocupação última. A verdadeira fé, expressa na preocupação última, tal como evocada em Dt 6,5, significa estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente (TILLICH, 1985, p.6-7).

A partir da definição do teólogo, que nos apresenta dois exemplos, um positivo e outro negativo, ao qual se refere como contra-exemplo, podemos abordar a fé como ato da pessoa inteiramente possuída por aquilo que a toca incondicionalmente, isto é, aquilo que se realiza no centro de sua vida pessoal e do qual participam todos os elementos. A fé é o ato mais íntimo e

global do espírito humano. Ela não é um processo que se dá de forma parcial, nem desempenha uma função especial na vivência humana. Ela envolve, assim, o âmbito da psicologia. Como manifestação da pessoa integral, não pode ser imaginada sem a atuação concomitante dos elementos inconscientes na estrutura psíquica. Eles estão sempre presentes, determinando em alto grau o conteúdo da fé. No entanto, a fé também é algo consciente. Desta forma, Paul Tillich nos fala que a fé está na pessoa como um todo. Não em uma parte apenas, mas no inconsciente, no consciente e na liberdade. Fé e liberdade são vistas como uma só coisa (TILLICH, 1985, p.8).

Sendo ato global e mais íntimo da pessoa, a fé, segundo o teólogo, é "extática". O êxtase da fé traz uma consciência da verdade e de valores éticos. Amor e ódio, briga e conciliação, influências individuais e coletivas, tal como foram experienciadas no decurso da vida, tudo isso está incluído na fé. "Êxtase" quer dizer "estar fora de si", sem deixar de ser a gente mesmo, sem sacrificar um só dos elementos reunidos no centro da pessoa. Para compreender a fé, ainda é necessário saber da tensão entre a função cognitiva, de um lado, e sentimento e vontade, do outro (TILLICH, 1985, p.9).

O autor aponta também que a fé tampouco é um sentimento. Apesar de incluir sentimento, como todos os aspectos da vida, o sentimento não produz a fé. Conhecimento, vontade, tudo isso está envolvido. A paixão infinita, como também já se chamou a fé, é a paixão pelo infinito, aqui chamada preocupação última, ou seja, estar possuído incondicionalmente (TILLICH, 1985, p.10).

O autor adentra no tema da fonte da fé (TILLICH, 1985, p.11). Discorre sobre o fato de o homem ser (percebemos uma importância desse verbo empregado pelo autor, o verbo “ser”), na sua totalidade, de modo que observamos uma relação com o ato integral da fé: ter uma preocupação última que revela algo de sua natureza, isto é, que ele tem a capacidade de transcender o fluxo contínuo de experiências finitas e passageiras. As experiências, os sentimentos e pensamentos do homem são condicionados e passageiros. Isto não só quer dizer que surgem e desaparecem, mas também se refere ao seu conteúdo, a não ser que sejam elevados ao nível de validade incondicional. Isto, porém, pressupõe uma faculdade especial e a presença

do elemento do infinito num ato direto, pessoal e central.

O homem é capaz de captar o sentido do que é último, incondicional, absoluto e infinito. Apenas isso faz da fé uma possibilidade do homem. O homem é impelido para a fé ao se conscientizar do infinito de que faz parte, mas do qual ele não pode tomar posse como de uma propriedade. Com isso, está prosaicamente formulado aquilo que ocorre no curso da vida como "inquietude do coração", segundo Tillich (1985, p.11).

Sobre o finito e infinito, podemos afirmar que um ato de fé é realizado por um ser finito, que está tomado pelo infinito e para este se volta. Trata-se de um ato no âmbito do finito, com toda a limitação que como tal lhe é própria; mas também é um ato do qual participa o infinito, transcendendo os limites do finito. Fé é certeza, na medida em que ela se baseia na experiência do sagrado (TILLICH, 1985, p.15). Paul Tillich fala também da coragem. Coragem, como elemento da fé, é arriscar-se a afirmar a si mesmo diante dos poderes do "não-ser". A fé é, pois, este direcionamento para o incondicional. Ao falar da essência da religião, Tillich fala da fé. Tanto para a fé quanto para a religião, vale este direcionamento, este voltar-se para o incondicional (GROSS, 2013, p.12).

No entanto, mesmo nos Santos, a dúvida aparece. A coragem se relaciona com a fé, de maneira que ambas não podem ser separadas. A coragem não precisa de uma convicção inquestionável (TILLICH, 1985, p.66-67).

Falou-se da certeza e da coragem como experiências do sagrado. Mas e quanto à relação entre a fé e a dúvida? No que diz respeito à dúvida, o filósofo e teólogo Paul Tillich diz que ela se encontra na fé. A dúvida existencial e a fé são os polos que determinam o estado interior da pessoa possuída pelo incondicional. E, quanto à importância da linguagem, alega,ainda, que, sem linguagem, não existe fé nem experiência religiosa (TILLICH, 1985, p.19- 20).

Sobre a questão da fé e os místicos, Tillich afirma que a fé tem um caráter místico e sacramental. Além disso, ela é capaz de prevalecer sobre a dúvida, atitude para a qual contribui a coragem. O incondicional encontra-se no ato de superar a cisão dentro de si, através da meditação, contemplação e êxtase. A mística não é irracional. Alguns dos maiores místicos da Europa e da Ásia eram, ao mesmo tempo, grandes filósofos, que se sobressaíam na clareza e

consequência do seu pensamento. Eles reconheceram que aquilo que nos toca incondicionalmente, o objeto de nossa fé, não pode ser igualado a uma parte da realidade, como tenta a fé sacramental. Na mística, o sacramentalismo é um tipo de fé, e em toda a fé há um elemento místico, bem como um sacramental (TILLICH, 1985, p.42-43).

Quanto ao símbolo, Tillich (1985, p.30-33) afirma que este pode expressar aquilo que toca o homem incondicionalmente, pois apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional. O autor exemplifica ao se referir a um quadro ou a uma poesia: eles revelam traços da realidade que não podem ser captados cientificamente. O símbolo fundamental para aquilo que nos toca incondicionalmente é Deus. Isso nos leva a mais uma característica do símbolo: ele faz parte daquilo que ele indica. A bandeira faz parte do poder e do prestígio da nação pela qual ela flutua. Outra característica do símbolo consiste em que ele nos leva a níveis da realidade que, não fosse ele, permaneceriam inacessíveis. Paul Tillich (1985), por sua vez, analisa a relação contraditória entre fé e religião: "O perigo da fé é a idolatria, e a ambiguidade do sagrado resulta de sua possibilidade demoníaca. Nossa preocupação última - aquilo que nos toca incondicionalmente pode nos destruir assim como também nos pode curar. Mas sem uma preocupação última não podemos viver". Ambiguidade e contradição. A religião é uma contradição, assim como o sertão, o homem, o mundo, a vida e o amor.

Dentre os personagens que chamam atenção para a questão mística da fé, podemos citar, além dos dois protagonistas, Reinaldo e Riobaldo, outros personagens, tais como Zé Bebelo e Compadre Quelemém. Em *Dinâmica da Fé* (1985), Tillich indaga a respeito da fé: "O que é a fé? Quais tipos? Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente". Já mais adiante, o autor reflete sobre o êxtase que é estar fora de si, sem deixar de ser agente. Ele afirma que todo ato de fé contém elementos cognitivos e que a fé mística pode ser encontrada nas profundezas da pessoa, no lugar do infinito. Grandes místicos eram também grandes filósofos. Podemos considerar Riobaldo filósofo e místico?

Para Eduardo Gross (2013), analisar a fé em Paul Tillich é uma tarefa importante, pois se trata de um conceito fundamental para o entendimento de sua obra, oferecendo, ao mesmo tempo, possibilidades interessantes para a interpretação da situação humana em geral e da

vivência religiosa em particular.

Quando se encontrava em situações de perigo, lembrava dos amores (Diadorim e Otacília). O autor Manoel Cavalcanti Proença (1958) discorre de forma objetiva sobre as andanças e os combates, criadores da personalidade do jagunço que termina chefe do bando, e, de forma subjetiva, sobre as marchas e contramarchas de um espírito estranhamente místico. Esse espírito estranhamente místico é o que nos interessa.

Místico, contemplativo e inquiridor. Riobaldo é cheio de vivência interior, de modo que, ao ler *Grande Sertão:Veredas*, somos levados a pensar em filosofia, psicologia, vivência interior e contemplação da natureza. Somos, assim, remetidos às seguintes palavras de Victor Frankl (1917): “Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo e - tanto faz se é real ou não a sua presença - seu olhar agora brilha com mais intensidade que o sol que está nascendo”. É assim que o autor se refere à sua esposa, ao lembrar-se dela no campo de concentração. Da mesma forma, Riobaldo, ao se lembrar de Otacilia ou Diadorim, pensa em anjos em meio a lutas e contempla a natureza. Riobaldo aprende sobre o ser homem e ensina Diadorim a ter coragem, pois “carece de ter coragem [...]. Ah, tem lances, esses – se riscam tão depressa, olhar da gente não acompanha. Urutu dá e já deu o bote? Só foi assim. Mulato pulou para trás, ô de um grito, gemido urro” (GUIMARÃES ROSA, 1994). Diadorim ataca como o urutu, a cobra que pica rapidamente, e se defende do agressor. O ódio que Reinaldo/Diadorim carrega passa a se fazer presente na vida de Riobaldo também, assim como o amor. Como diz Antonio Candido (2002), a face interdita do amor é simbolizada na suprema ambiguidade da mulher-homem que é Diadorim, ambiguidade metafisica. Com Diadorim, Riobaldo aprende coisas de Deus e do Diabo. E, com compadre Quelemém, filosofa e experimenta coisas de Deus e do homem. São esses os dois mestres da amizade de Riobaldo, que lhe ensinam coisas da vida, do sertão? Já em outro momento, na solidão, Riobaldo afirma: “Nem a pessoa especial do Reinaldo não me ajudava. Sozinho sou, sendo, de sozinho careço” (Idem). Nesse momento, Riobaldo lembra-se de compadre Quelémem, que lhe ensinou a dar tudo a Deus, em uma espécie de reza.

Essa “Espécie de Reza?” pode ser a presença da fé na penitência, no jejum, no

desprender-se, no entregar-se a Deus: “dar tudo a Deus que de repente vem, com novas coisas mais altas” (Idem). A presença da fé, na hora da solidão, do desespero e da dificuldade, aparece no livro como a mística, a metafísica e a transcendência, através de orações, rezas, alusões à Nossa Senhora, em especial à Nossa Senhora da Abadia, e da “Jaculatória de São Bento”. Nenhum ser humano é capaz de viver sem uma preocupação última. Tanto a fé quanto a dúvida estão presentes no homem. Mesmo nos santos, a dúvida aparece (TILLICH, 1985).

Podemos dizer que há um caminho para a santidade no livro *Grande Sertão: Veredas*? O caso de Maria Mutema trata do perdão: perdão pelo assassinato de seu marido. O que mais chama a atenção é o perdão do povo. Os missionários foram instrumento de Deus pela pregação e revelação dos pecados. Ela jogou chumbo derretido no ouvido do marido, sem motivo algum, mentindo ao padre durante a confissão e dizendo a ele que havia enlouquecido por amor: “por enjoar do Padre Ponte, também sem ter queixa nem razão, amargável mentiu, no confessionário: disse, afirmou que tinha matado o marido por causa dele, Padre Ponte – porque dele gostava em fogo de amores”
(GUIMARÃES ROSA). No entanto, ela, ao final, alcança o perdão do povo, sendo tida como um tipo de santa.

Ainda sobre essa temática, podemos remeter ao início do livro, em que Zé Bebelo perdoa os irmãos que mataram o pai: “perdoar é sempre o justo e certo” (Idem). Também a presença de Nossa Senhora é evocada nesse trecho:

> “Pois, se ela perdoa ou não, eu não sei. Mas eu perdôo, em nome dela – a Puríssima, Nossa Mãe!” – Zé Bebelo decretou. – “O pai não queria matar? Pois então, morreu – dá na mesma. Absolvo! Tenho a honra de resumir circunstância desta decisão, sem admitir apelo nem revogo, legal e lealdado, conformemente!...” Aí mais Zé Bebelo disse, como apreciava: – “Perdoar é sempre o justo e certo...” (Idem)).

Maria Mutema foi assassina, o mal estava com ela, mas não permaneceu com ela. Após a pregação dos missionários, que pode ter parecido dura, em um primeiro momento, ela se arrepende. De toda forma, toda aquela tragédia serviu para a salvação e arrependimento de Maria Mutema.

Para Paul Tillich (1985), ter fé é estar possuído por aquilo que nos toca

incondicionalmente, remetendo à verdade e ao compromisso:

> E Maria Mutema, sozinha em pé, torta magra de preto, deu um gemido de lágrimas e exclamação, berro de corpo que faca estraçalha. Pediu perdão! Perdão forte, perdão de fogo, que da dura bondade de Deus baixasse nela, em dores de urgência, antes de qualquer hora de nossa morte. E rompeu fala, por entre prantos, ali mesmo, a fim de perdão de todos também, se confessava. Confissão edital, consoantemente, para tremer exemplo, raio em pesadelo de quem ouvia, público, que rasgava gastura, como porque avessava a ordem das coisas e o quieto comum do viver transtornava. Ao que ela, onça monstra, tinha matado o marido – e que ela era cobra, bicho imundo, sobrado do podre de todos os estercos. Que tinha matado o marido, aquela noite, sem motivo nenhum, sem malfeito dele nenhum, causa nenhuma; por que, nem sabia. Matou – enquanto ele estava dormindo – assim despejou no buraquinho do ouvido dele, por um funil, um terrível escorrer de chumbo derretido. (GUIMARÃES ROSA, 1994)

Percebemos, nessa forte cena de Maria Mutema, a fé do povo sertanejo e a presença de um Deus misericordioso, tal como anunciado nos evangelhos. Paulo Apóstolo aborda da seguinte maneira a questão da salvação e da fé, em Romanos 1, 16: “Na verdade, eu não me envergonho do evangelho: ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê”. E a fé, para Paulo, é acreditar em tudo aquilo que ainda não vemos, ter esperança no que ainda não vemos (HEBREUS, 11,1). Em Colossenses 1, 4-5f, acrescenta: “Em fé, amor e esperança”. Esperança e fé são expressões do sertanejo em meio ao ódio da guerra, manifestando o perdão e o amor de Deus.

Contudo, na obra de Guimarães Rosa, o personagem diabo também é presente. Santo Agostinho, no livro *Confissões*, indaga sobre o mal: “Onde está pois o mal? Donde e por onde logrou ele, penetrar? Qual é a sua raiz e qual é sua semente? Ou será que não existe?”. Em João 8, 43, o diabo é definido como homicida e mentiroso.

Em uma conversa entre Riobaldo e João Bexinguento, o assunto chega ao caso de Maria Mutema. Após a guerra, ambos manifestam insônia e se perguntam: “mas agente estava com Deus?” (GUIMARÃES ROSA, 1994). Para João Bexiguento, Deus e o diabo encontram-se bem separados, enquanto para Riobaldo os dois estão misturados... Teria João Bexiguento uma fé diferente daquela de Riobaldo? “A eternidade é o fundamento e o objetivo de todo ser, pois Deus será tudo em todos” (TILLICH, 2020, p.80).

3. CONCLUSÃO

Podemos dizer que há um caminho, uma vereda para a eternidade, para a santidade, no livro de Guimarães Rosa? É possível ter fé em meio às dúvidas. Percebemos a sutileza de símbolos, linguagens e demonstrações da fé do sertanejo em Riobaldo. Nossa Senhora da Abadia, presente nos momentos de tentação de toda a comunidade, encontra-se representada pelo compadre Quelemen e Otacilia. Segundo Paull Tillich, a dúvida não impede a fé e mesmo os Santos enfrentaram, em seu caminho de Santidade, a tentação, o diabo.

> Como não ter Deus? Deus existe mesmo quando não há... Mas o demônio não precisa existir para mover a gente sabendo que ele não existe ele toma conta de tudo. [...] Deus é alegria e coragem – que Ele é bondade […]. E nós, então, cada um depois dum, viemos ao quarto-do-oratório beijar a santa maior [...] Minha Nossa Senhora mãe de todos (GUIMARÃES ROSA, 1994).

A leitura de *Dinâmica da Fé,* mas também, *Textos Selecionados, Coragem de Ser e Teologia da Cultura*, de Paul Tillich, despertam um olhar e foi possível pensar e desenvolver esse tema: da fé a partir de Tillich e objeto de pesquisa o personagem Riobaldo de Guimarães, o que futuramente, em dois contos de *Primeiras Estórias,* de Guimarães Rosa e tendo como referencial teórico *a Teologia da Cultura* de Paul Tillich, será continuado o estudo, pois, de modo que apresentei projeto de ingresso ao mestrado na UFJF, no Mestrado em Ciência da Religião sendo assim aprovada para à área de concentração: *Filosofia da Religião* linha de pesquisa *Abordagens Filosóficas e Psicológicas da Religião,* projeto *Religião e Estética* sob orientação do Professor Dr. Eduardo Gross.

REFERÊNCIAS

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO. **Confissões**. Versão online digitada por Lucia Maria Csernik, 2007. Disponível em: https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf. Acesso em: nov. 2020.

AVILA, Antonio. **Para conhecer a psicologia da religião.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BOLLE, Wille. **SCRI PTA,** Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 1998.

CANDIDO, Antonio. **O homem dos avessos**. In: **Tese e antítese**. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1971.

COUTINHO, Graciello Nascimento. **O livre-arbítrio e o problema do mal em Santo**

Agostinho. In: *Argumentos*, a.2, n. 3, 2010.

FRANKL, Viktor. **Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração**. São Paulo: Editora Vozes, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Publifolha, 2000.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

GROSS, Eduardo Gross. **O conceito de Fé em Paul Tillich**. In: *Revista Eletrônica Correlatio*, v.12, n.23, jun. 2013.

KOCH, Isabelle.**The Agostinian definition of belief**. In: *Síntese*, Belo Horizonte, v. 42, n. 132, 2015.

MACHADO, Ana Maria. **Recado do Nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2009.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. **Trilhas no Grande Sertão**. In: **Augusto dos Anjos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: MEC, 1958.

SANTIAGO, Silviano. **Genealogia da ferocidade: ensaio.** Recife: Editora Cepe, 2018.

TEIXEIRA, Faustino. **Riobaldo e o roteiro de Deus Grande Sertão: Veredas.** In: *Vida Pastoral*, a.61, n.334, jul. 2020.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé.** São Leopoldo, RS, Brasil: Editora Sinodal, 1985.

TILLICH, Paul. **Textos selecionados**. São Paulo: Fonte editorial, 2020.

VAZ, Henrique C. De Lima, **Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

* * * * * * *